

AS VÁRIAS FACES DA MENTIRA: A VERDADE ESCLARECIDA?

Sandra Alves, Aline Rafaela Nascimento, Larissa Jaqueline de Deus Jacob,
Thaís Ferreira de Freitas, Franciely dos Anjos Pinto, Jader Teodoro Gomes de Souza
Acadêmicos do curso de Psicologia da AEMS – Faculdades Integradas de Três Lagoas

Paulo César Ribeiro Martins

Professor da AEMS – Faculdades Integradas de Três Lagoas/MS
Doutor em Psicologia como Profissão e Ciência pela PUCCAMP

RESUMO

A presente pesquisa busca fazer uma classificação da mentira, descrevendo os vários motivos que leva uma pessoa a desenvolver o hábito de mentir, ao mesmo tempo em que trata de diferenciar a mentira comum da mentira patológica. Os resultados mostram que o assunto abordado ainda é desconhecido não apenas pela população em geral, mas também pelos profissionais ligados a saúde. A partir do esclarecimento sobre a patologia, os profissionais podem lidar de maneira mais adequada com a questão da mentira. Na pesquisa utilizou-se do método dedutivo e como procedimento utilizou-se a pesquisa bibliográfica. Concluiu-se que a mentira é comum entre os seres humanos, podendo ser considerada normal quando esta não foge ao controle podendo se tornar uma patologia.

Palavras- chave: mentira. mentira patológica, mitomania.

ABSTRACT

This research seeks to do a sort of lie, describing the various reasons that lead a person to develop the habit of lying, at the same time it matters is to differentiate the common lie of pathological lying. The results show that the subject matter is still unknown not only by the general population, but also by professionals from health. After the clarification of the pathology, the professionals can deal more adequately with the issue of lying. In the survey we used the deductive method and procedure as we used the literature search. It was concluded that lying is common among humans and can be considered normal if it does not veer off course and may become a pathology.

Key-words: lie; lie pathologic; mythomania.

SÍNDROME DE PINÓQUIO

Em 1881 foi criado pelo escritor Mário Collodi, a história de Pinóquio, em que o personagem principal é símbolo da mentira. A história relata o desejo de um boneco de madeira em se tornar um menino de verdade, ele não podia mentir, visto que seu nariz crescia quando o fato não era verídico, com isso criou-se o termo “dar uma de Pinóquio” para essa tendência de mentir. Através dessa história infantil criou-se uma sinapse entre a realidade e a fantasia. A história de Pinóquio atravessou gerações, conquistando desde crianças até adultos,

por se tratar de um assunto tão diferenciado que ao mesmo tempo mexia com o inconsciente de todos. Segundo a psicóloga Silvana Rabello, quando aprendemos a escrever e ler, conseqüentemente aprendemos o que é a mentira, distinguindo assim a realidade da ficção. (LOBO 2010).

As crianças aprendem a mentir e o fazem com a intenção de se livrar de repreensões, tarefas indesejadas e até mesmo enganar pais e colegas. Os adultos condenam o ato de mentir, apesar de manterem suas declarações falsas. Mesmo sendo uma mania inocente pode tornar-se um transtorno de personalidade difícil de controlar na fase adulta. Os pais não só devem ensinar as crianças a dizerem a verdade, como devem reprimi-los ao mentirem, visto que muitas crianças aprendem a mentir com os próprios pais, pois na infância elas absorvem todo tipo de informação que lhes é repassada. O indivíduo com menos de cinco anos confunde a realidade da fantasia e inventam muitas histórias sem fundamento, que são na maioria das vezes fantasias inocentes. Crianças com um pouco mais de idade mentem para se isentar de culpas, entretanto se elas usarem a mentira para se aproveitarem de situações pode ser indicio de uma patologia, carência, problema emocional, a criança deve ser levada a um profissional especializado, pois nesta fase a mentira nunca é inocente. Se os pais ensinam à verdade e a exercem, as crianças também o farão, eles devem mostrar aos filhos que dizer a verdade é mais reforçador e é o correto, devem ser exemplos para os pequenos, mostrar que mentir é prejudicial, revelando a mentira deles próprios sem que os mesmos percam a confiança que depositam nos pais.

CLASSIFICAÇÃO DAS MENTIRAS

É uma tarefa muito difícil a de identificar um mentiroso, a não ser quando são pegos em contradição ou flagrados. Até mesmo quem sofre com mentiras compulsivas (mitomania) mentem sem perceberem suas contradições. Nem mesmo o polígrafo, detector de mentiras, pode nos confirmar se o indivíduo está com toda certeza mentindo. Esse aparelho foi inventado por Leonard Keller, em 1920, e verifica as reações fisiológicas do indivíduo para provar que a declaração é falsa. O polígrafo, apesar de ser tão requisitado não apresenta segurança total, visto que algumas pessoas ao serem examinadas por ele não apresentam ansiedade, escondendo assim o que realmente sentem. (LOBO 2010).

Apesar das pessoas mentirem sem o objetivo de prejudicar o outro, muitas vezes estas são as verdadeiras intenções, pois elas arrumam desculpas para suas mentiras e acreditam que farão bem a alguém com essa atitude. A mentira pode ser classificada de várias

formas, a mentira branca que é considerada como uma forma de se adaptar a sociedade, as mentiras esfarrapadas “úteis” são aquelas em que você diz que vai a um local, mas vai a outro. As mentiras mais comuns são as compensatórias, em que a pessoa finge ter um status que não lhe corresponde, como usar uma roupa de grife, entretanto é emprestado, o indivíduo mente com o intuito de tirar vantagens, ou apenas de se sentir bem diante dos outros. Por ser aceita em alguns casos na sociedade, corremos o risco de achar que a mentira é normal, apesar de a negarmos todos já mentimos. (BALLONE 2010).

A mentira pode se tornar uma estratégia para preservar a nossa privacidade, evitar constrangimentos, fugir de um castigo ou até escapar de situações embaraçosas. A ansiedade pode demonstrar quando o mentiroso está atuando, por tentar convencer desesperadamente os outros da sua fantasia. O físico do mentiroso se modifica, ele sofre um aumento nos batimentos cardíacos, apresentam tremores, gagueiras, suores e tem dificuldade em olhar as pessoas nos olhos, pois ele tenta esconder o que realmente está sentindo, aliás, temos maior dificuldade de mentir com a face do que com as palavras. Ao mentir, o indivíduo inventa uma história que ele até pode repetir, entretanto ele não consegue invertê-la. Deparamo-nos com a mentira a todo o momento, pois o mundo já se acostumou com a ficção e encontra dificuldades em distingui-las e ainda a aceitar como inocente, principalmente se vier de crianças. (LOBO 2010).

De acordo com a Psicologia, a mentira é o falseamento da verdade, utilizada como mecanismo de defesa. A mentira atua na infância sempre quando a criança se sente ameaçada e tenta reverter à situação com uma história fantasiosa, isso seria uma maneira de agir consciente. Segundo o psicólogo brasileiro Silvio Rabelo, dita, pela primeira vez, uma inverdade, esta tende a substituir a noção de verdade daí por diante, graça ao processo de autossugestão. Assim, a mentira infantil se torna completamente despida de caráter intencional da mentira propriamente dita. O problema da mentira tem preocupado vários profissionais do comportamento humano, desde psicólogos até psicanalistas, pois muitos adultos, assim como as crianças mentem por sugestão, medo e até mesmo altruísmo. Assim como a psicologia, a psicanálise afirma que a mentira é um mecanismo de defesa e tem suas razões. É óbvio que o objetivo da mentira seja o de fazer o indivíduo acreditar em algo que ele discorde, já o objetivo da mentira habitual talvez seja inconsciente. (BALLONE 2010).

O ser humano utiliza a mentira que é uma realização enganosa para negar fatos da realidade que ele não aceita ou fantasiar situações em que ele se encontra com problemas, tentando fugir da realidade que não lhe agrada. O ego do mentiroso é fortalecido de acordo com o crédito que ele recebe pelas suas falsas declarações, ele mente fantasia e envolve todos

em suas mentiras, e ao conquistar êxito mantêm o ato de mentir sempre. Pessoas com personalidades persecutórias que são os psicóticos e neuróticos, não aguentam críticas, eles usam a mentira para proteger seu frágil ego e para lidar com a realidade indesejada. A diferença da mentira contada por psicóticos e neuróticos é que, nos psicóticos há maior negação da mentira, nos neuróticos isso ocorre com menos frequência, e ainda querem acreditar na não existência da realidade, mesmo sabendo que ela exista. Eles fogem de conflitos com a realidade, distorcendo-a á seu favor, tudo através de um ódio incontrolável. Já os neuróticos vivem num faz-de-conta, ele sabe que está contando mentiras mesmo assim nega tudo. Os psicóticos, em casos de paranoias, projetam em outros indivíduos os seus delírios, nos estados neuróticos ocorre o mesmo processo, mas em menor proporção. Esses indivíduos, tanto psicóticos quanto neuróticos não têm o controle de suas emoções, sentem-se ameaçados e por isso mentem, pois é uma maneira que encontram para não sofrer e fugir da realidade, tornando as pessoas suas vítimas totalmente dependentes deles. (LOBO 2010).

SOCIOLOGIA E LINGUISTICA DA MENTIRA

Nossa maior preocupação quando conversamos com alguém está no modo como o outro nos fala e o assunto que está sendo relatado, por isso nem prestamos atenção nas expressões faciais e muito menos nas micro expressões que são expressões bem rápidas que aparecem quando alguém tenta reprimir um sinal emocional. A análise das expressões emitidas pelas pessoas pode nos informar se o fato é verídico ou falso. A mentira é considerada o falseamento da verdade e não como o contrário da mesma e o que a define é a intenção, sendo que quem mente acredita na própria mentira. Santo Agostinho diz que “Quem enuncia um fato que lhe parece digno de crença ou acerca do qual forma opinião de que é verdadeiro, não mente mesmo que seja falso”. Entretanto ela só é classificada como tal quando a declaração falsa tem o objetivo de prejudicar outro indivíduo. Através de estudos, os linguistas relacionam os tipos de declarações para defini-las entre verídicas e mentirosas.

Há também a mentira por omissão, que é dita principalmente por médicos, quando omitem um caso grave de doença, e também por políticos, que relatam mentiras que já são esperadas e com peso de verdade. Questões egoístas são as principais causas da mentira, visto que todos os indivíduos querem ter vantagens sobre certas situações. Apesar da mentira não ser aceita na sociedade, o indivíduo á usa como estratégia, para se livrar de situações embaraçosas, pois tentamos encontrar no imaginário o que o mundo real não nos possibilitou. A mentira fisiológica pode ter a interação social como finalidade, pois uma das razões mais

comuns para o mentiroso compulsivo é a insegurança. Segundo o sociólogo Márcio Alexandre Barbosa Lima, “apesar de todos mentirmos, a condenação do uso da mentira é frequente”... A escolha entre mentir ou não envolve a adequação do comportamento às normas morais vigentes. (LOBO 2010).

De acordo com Jean Piaget (PIAGET, 1977), a criança não avalia a mentira pela intenção do mentiroso, mas pela possibilidade de existir aquilo que está sendo dito, para o autor até os dez anos de idade o indivíduo não tem uma noção do que realmente é a mentira. (LOBO 2010). A dissimulação é a mentira propriamente dita, ou seja, o ato de ocultar alguma informação que possa prejudicar outro indivíduo. O dissimulado mente com o intuito de esconder seus atos e principalmente prejudicar ou obter vantagens sobre os outros. O dissimulado encontra com facilidade defeitos nos próximos, mas tentam esconder todas suas falhas, aparentando ser uma pessoa humilde, empática e altruísta, esse indivíduo age dessa forma por medo, querendo esconder seus sentimentos diferenciados. Desde a infância já se sabe se a pessoa tem algum desequilíbrio psíquico, pois depois desta fase tudo que ocorre é espelho do que se desenvolveu. Todos nós dissimulamos, e quando o fazemos fugimos da realidade, tentamos nos livrar de fatos que nos remetem à dor. Robert Merton (FERRO, 2001) analisou como a pressão favorável ao comportamento social desviado. Nenhuma autoridade da sociedade tem coragem de dizer que fez alguma declaração mentirosa, mas todos nós sabemos que mentimos às vezes por estratégia ou até mesmo por autopreservação. O homem mente e crê na sua mentira, se forem reforçados continua com a manifestação da mesma, psicologicamente a mentira é um mal que traz doenças ao mentiroso árduo.

A causa da dissimulação está enraizada em traumas de infância, provocada muitas vezes por má educação. A mentira se torna um mecanismo de defesa para quem tem algum sentimento indesejado ou deformação do caráter, a mentira se desenvolve na infância podendo tornar o indivíduo um mentiroso compulsivo. Durante a infância até mesmo os pais influenciam os filhos a mentir, achando que eles não têm noção do que fazem, no entanto, as crianças não só entendem como passam a usar declarações falsas com frequência, nessa fase as mentiras são consideradas inofensivas, por não serem compreendidas e sempre são toleradas pelos pais, que definem as crianças como criativas e imaginam que elas apenas fantasiavam, as consequências dos atos das crianças e adolescentes é o que definirão a continuação ou não das mentiras.

O perigo está quando a mentira começa a ser frequente e a criança passa a incriminar outras pessoas. De acordo com Tardivo (2007), os pais devem ajudar os filhos a admitir seus erros passando a eles a verdade, ela ainda ressalta que os pais não devem esconder as mentiras

contadas pelas crianças, pois com isso elas continuariam com as declarações falsas, obtendo assim um caráter enganoso. As crianças e os adolescentes precisam distinguir a realidade da mentira e os exemplos devem partir dos pais ou responsáveis que permanecem mais tempo com eles.

É na infância que aprendemos a mentir, nos primeiros anos de vida as crianças não conseguem discernir a mentira do fato verídico, até os três anos de idade, as crianças fantasiam, e não tem relação com mentiras, elas apenas acham que o mundo é da maneira como elas declaram. Dos três aos seis anos, a criança pode mentir sem intenção maldosa, mas os pais já devem prestar atenção e reforçar os filhos a dizer a verdade, já com sete anos o indivíduo sabe distinguir o verdadeiro do falso, e os adolescentes conseguem perceber quando alguém está mentindo. Entre os dez e os treze anos o indivíduo possui suas próprias opiniões e, ao ocorrer algum trauma nessa fase poderá desencadear problemas na fase adulta, assim como a mentira obsessiva. Muitas doenças conhecidas são emocionais e está relacionado com problemas ocorridos na infância, inclusive o uso da mentira na fase adulta é reflexo de problemas mal resolvidos durante a infância, a mentira é uma atitude antissocial, entretanto entre as crianças só é considerada uma patologia quando o objetivo é o de enganar, prejudicar os pares. (LOBO 2010).

OS TIPOS DE MENTIROÇOS E SUA ESCALA PATOLÓGICA

O mentiroso habitual usa a mentira para elevar sua autoestima, ele distorce qualquer tipo de verdade mesmo não tendo o objetivo de manipular os outros. Essa mentira compulsiva é gerada no seio familiar, quando os filhos veem seus pais mentindo e repassam o ato de geração em geração. Ao contrário do mentiroso habitual, o patológico é manipulador e mente para conseguir seus objetivos sem se importar com os dos outros. Quando o indivíduo desenvolve a patologia, ele torna a mentira um mecanismo de defesa, usando-a como estratégia para fugir de problemas ou mascarar culpas. Algumas pessoas inventam histórias encantadoras de sua vida, narram fatos inacreditáveis que aconteceram com elas, entretanto fatos falsos, tendo o objetivo de esconder seu complexo de inferioridade, assim acontece com indivíduos em estados neuróticos, que mentem por ter uma baixa autoestima e autoimagem, e acredita que omitindo a verdade passará uma aparência melhor, a mentira surge como defesa e é desenvolvida através de falta de equilíbrio, fanatismo e materialismo. Nos estados psicóticos a mentira surge como um delírio onde a pessoa vive em um mundo imaginário, fugindo completamente da realidade.

A mentira patológica também pode ocorrer em casos de depressão grave ou personalidade psicopática (personalidade antissocial), em que ocorre com mais gravidade. Os indivíduos com depressão grave apesar de mentirem, posteriormente sentem arrependimento, já aqueles que possuem personalidade psicopática utilizam a mentira compulsivamente e sem nenhuma culpa, às vezes mente sem motivo algum, pois eles são narcisistas e querem ser melhores em tudo, querem ser admirados. O indivíduo com a mentira patológica deve assumir que isso é um problema incontrolável e procurar ajuda a partir daí á uma abordagem terapêutica (terapia psicológica), e se não houver resultados é necessária à ajuda de um psiquiatra, pois a mentira pode se agravar de tal forma que, o indivíduo manipula até provas psicológicas e resultadas de exames médicos. A psiquiatria não está voltada para mentiras isoladas, pois ela não é suficiente para definir um diagnóstico, aliás, não é possível estabelecer o estereotipo do mentiroso, visto que cada um tem suas peculiaridades. (LOBO 2010).

PSEUDOLALIA

Trata-se de um vício compulsivo de mentir. Segundo psiquiatras e psicólogos, a frequência com que se vive uma situação imaginaria pode ser uma profunda insegurança emocional, além de traumas infantis. Criança vítima de uma educação julgadora, imposições, disciplinas rígidas e que vivem dominadas pelo autoritarismo são fortes candidatas a desenvolver a doença que é tão grave que muda a personalidade e o caráter, a pessoa se torna dependente dessa mania. A mentira revela na maioria das vezes, uma insegurança da pessoa em se assumir como ela é, demonstrando baixa autoestima e intolerância a frustrações, um ser humano frágil emocionalmente que teve uma infância problemática. A educação na infância e pré-adolescência é uma importante aliada na construção da personalidade e na autoafirmação, pois as mentiras só se tornam uma válvula de escape para aqueles que sofrem de carência e insegurança em sua formação. Esse longo tempo de mentirinhas torna-se um vício e a pessoa já não sabe o que é verdade ou não. O vício de mentir é um ato inconsciente e perante a mais simples situação a fuga á verdade brota espontaneamente, é como uma repetição compulsiva, a criação de verdades inexistentes, essas pessoas são enganadas pela própria mentira. (LOBO 2010).

Assim como o cleptomaníaco que rouba objetos sem valor simplesmente pelo vício de roubar, o mentiroso compulsivo mente por mentir. A pseudolalia pode conduzir a graves distúrbios de personalidade, podendo o pseudolálico acabar por perder a sua individualização e viver num mundo real criado imaginariamente, comportando-se de tal forma a ponto de

dificultar a vida em sociedade. O que diferencia a mentira patológica ou pseudolalia da mentira “socialmente aceita” é a ausência de culpa, a intencionalidade e a frequência com que o indivíduo pratica o ato. (BALLONE 2010).

O tratamento se dá através de terapias onde durante as sessões o doente conversa muito com o terapeuta até conseguir reconhecer o que faz. A partir de então começa a descobrir o porquê e para que faz isso. O processo é de autoconhecimento e mudança no comportamento, por isso não se deve esperar que o paciente seja curado de uma hora para outra.

MENTIROSOS COMPULSIVOS

Comportamentos compulsivos ou aditivos são aprendidos e seguidos por alguma recompensa emocional, geralmente um alívio de ansiedade ou angústia, são hábitos que já foram repetidos inúmeras vezes e que acontecem quase automaticamente. Esses comportamentos compulsivos são mal adaptativos porque mesmo tendo o objetivo de proporcionar algum alívio nas tensões emocionais, normalmente não se adaptam ao bem-estar mental pleno, ao conforto físico e a adaptação social. Caracterizam-se por serem repetitivos e por se apresentarem de forma excessiva e frequente. Contudo, com o tempo, a saúde mental pode tornar-se comprometida com a culpa e a ansiedade de ser descoberto, e esses aspectos desencadeiam geralmente a depressão. A mentira torna-se um vício, já que é dita de forma compulsiva, não tendo motivos para mentir, ou seja, o mentiroso tem consciência que está mentindo, mas não tem motivos para mentir, não consegue controlar esse impulso assim como o cleptomaníaco, que rouba objetos sem valor pelo vício de roubar, o mentiroso compulsivo, que mente sistematicamente e aparentemente sem razão.

Não existe uma causa bem estabelecida para a ocorrência de comportamentos compulsivos. Informações contraditórias, falta de limites entre o certo e errado, inconsequência, muitas vezes o excesso de imaginação ou até o encorajamento para acreditar nas próprias mentiras, insegurança por ter a própria identidade e a vida sustentada por uma realidade forjada, artificial, dificuldade para tomar decisões e acreditar nelas, falta de autoconfiança, credibilidade e a tendência de confusão mental. Comportamentos compulsivos ou aditivos podem ser entendidos como atitudes mal adaptadas de enfrentamento da ansiedade ou angústia, trazendo consequências físicas, psicológicas e sociais graves. (BALLONE 2010).

A PROCURA DA VERDADE NO PROCESSO TERAPÊUTICO

No processo terapêutico é tratamento integral do indivíduo, ou seja, física, emocional e psicológica. Se fizermos uma analogia com o lado psicológico do ser humano, podemos dizer que o indivíduo é escravo de sua mentira internamente, a mentira faz parte da vida do ser humano. É utilizada para agradar pessoas ou escapar de situações desconfortáveis, mas em alguns casos, pode se tornar patológica. Essas mentiras se fundem com a verdade que sua mente assimila a tal ponto que a única maneira de se livrar e se libertar disso é reconhecendo a verdade. É na busca da verdade que o paciente entra em processo terapêutico, os psicólogos devem ter a preocupação com a mentira porque a pessoa em questão incorpora a mentira na sua personalidade e passa a acreditar na sua versão de verdade, a repetição do ato leva a mentira a se tornar uma verdade. (LOBO 2010). Quando a mentira é descoberta no processo terapêutico gera ainda mais conflitos caso o terapeuta ou conselheiro não saiba como proceder, já que a falsificação da verdade foi incorporada ao universo do paciente.

Além da mentira consideramos também a hipocrisia. A palavra hipócrita tem origem nos teatros gregos e diz respeito à máscara usada pelos atores nos dramas que interpretavam. A hipocrisia como quadro clínico indica uma superposição entre dois aspectos distintos como se fossem sinônimos. Pode se observar essa forma nas personalidades muito obsessivas e controladoras, já no cinismo, predominam as pulsões sadomasoquistas, há uma intenção de prejudicar ao cometer o ato. (LOBO 2010).

MITOMANIA

O quadro clínico que é caracterizado pela tendência mórbida para a mentira, o indivíduo não é um mentiroso compulsivo. Doença que foi descoberta e nomeada pelo médico e psiquiatra francês Ernest Dupré. É uma tendência patológica à fabulação consciente. As histórias imaginárias do mitômano são, às vezes, pobres de conteúdo, e inverossímeis, outras vezes, pitorescas, bem concatenadas, pelo que induzem a convicção.

A mentira dos mitômanos está normalmente relacionada a assuntos específicos, esta passa a ser doença quando causa sofrimento ou conflito para o indivíduo ou para as pessoas de seu convívio. A mitomania ocorre com maior frequência em duas situações clínicas, uma se refere a indivíduos fantasiosos, que não tem tolerância para conviverem com limitações e frustrações que a realidade nos obriga a aceitar e criam histórias fantasiosas, parecidas com as das crianças. Na maioria das vezes são pessoas emocionalmente imaturas. A outra situação

clínica seria a do desenvolvimento da doença se desencadear por quem não consegue lidar com a sociedade, o indivíduo acredita que só será aceito se inventar uma história, geralmente está associado a quadros de depressão. O mitômano tem profunda necessidade de valor e atenção que julga não receber. (LOBO 2010). Doença psicológica considerada grave que leva o indivíduo a precisar de apoio por parte dos amigos e familiares e sua cura só é possível através de tratamento que leva o doente a ter consciência de sua situação. O grande problema é que a pessoa não vê sua condição como doença, justamente por não possuírem consciência plena de suas palavras, estes acabam por enganar os outros com histórias que tem um único intuito, o de suprirem algo que falta em suas vidas. Doença definida como uma forma de desequilíbrio psíquico, caracterizada na sua essência por declarações falsas, mas para quem sofre de mitomania as declarações são reais. A mitomania, que pode ser uma doença ou um sintoma de certas condições, leva a pessoa a acreditar na história que conta, sem nenhum senso crítico, discute-se a possibilidade de um componente hereditário, pois já se fizeram estudos familiares de várias gerações de uma mesma família com este quadro se repetindo marcantemente. (LOBO 2010).

A mitomania acontece com maior frequência em transtornos de personalidade como a sociopática, esquizotípica, histriônica, personalidade imatura, entre outras, na histeria grave, em retardo mental leve e em quadros maníacos. Frequentemente a mitomania é confundida com delírio. De fato a ficção mitômana é parecida com o delírio, envolvendo concepções de grandeza, atribuíveis a intensa necessidade de reconhecimento e apreço, com conteúdo variável. É comum a queixa de abuso sexual ou violência, na qual o mitômano se apresenta como vítima, com sérias consequências para a pessoa acusada, em geral inocente. Sustentam suas afirmações com suficiente plausibilidade, a ponto de convencer a autoridade jurídica ou policial, só as contradições, que se mostram durante o desenrolar da ação judicial, leva a conclusão de que se trata de mitomania. Para Lobo (2010, p. 142):

As grandes fraudes, perigosas à sociedade, brotam da mente de mentirosos patológicos. Segundo os especialistas, a ficção mitomaníaca envolve concepções de grandeza, de ascendência familiar excepcional, de capacidades e efeitos extraordinários, fabulações que podem levar a cometer crimes e fraudes como o exercício ilegal de certas profissões.

Podemos dizer que o discurso de um mitômano é muito diferente daquele do mentiroso comum que tem um objetivo definido, um alvo, um fim já planejado. Para os mentirosos comuns, a mentira é um meio para atingir outros objetivos. (LOBO 2010). Para os mitômanos, a mentira tem um objetivo não consciente, mentem para alívio de sintomas,

acreditam em suas mentiras e estas lhe consolam. No seu íntimo, sabem que o que dizem não é totalmente real, mas se enganam para a garantia de seu equilíbrio interior, entram em um mecanismo de defesa, a negação. Ao contrário dos mentirosos compulsivos que procuram ajuda com mais frequência, os mitômanos muito raramente mostram suas condições, o reconhecimento de tais condições causa desespero, envergonhados de si mesmos, sem saída, se deprimem e chegam a tentar o suicídio por não acreditarem na cura e no restabelecimento de afetos que foram perdidos por conta de sua doença. Ainda não se sabe ao certo quais os reais motivos que levariam um indivíduo a chegar a tal estado. Sabe-se que há um descontrole emocional, acarretando muitos fatores sociopsicológicos na pessoa afetada, atrelada a questões de abandono e falta de autoestima. (LOBO 2010).

Muitos transtornos de personalidade tem tido associação à mentira, onde esta faz parte, mas é só um sintoma. As patologias mentirosas são específicas, o indivíduo vive para mentir e não consegue parar sem ajuda. No caso da mitomania, ela é mórbida, porque pode levar a pessoa ao suicídio. (LOBO 2010).

O tratamento deve ser feito por uma equipe multidisciplinar, ou seja, psiquiatra, psicólogo, monitorando um quadro de cuidados que inclui o tratamento em meio psiquiátrico e um acompanhamento psicoterápico. Esse acompanhamento é a parte mais importante, sendo feito por todos que o rodeiam e que ele mesmo tenha requisitado. É de suma importância nunca negar ao doente o acompanhamento, sendo isto a solução mais eficaz para sua cura, se fazendo mais importante até mesmo que um tratamento psiquiátrico.

Segundo Lobo (2010, p. 149), "A linha entre o imaginário e o real é tênue, difícil de delimitar podendo na maioria dos casos gerarem um transtorno psicótico". Sabendo disso, é difícil para um terapeuta que não tenha personalidade forte, e saiba reconhecer os traços da evolução da doença, e impor limites ao tratar estes pacientes, pois suas mentiras não terão limites, isso inclui derrubar pessoas, conquistar poder, nem que para isso tenha que ofender e magoar alguém. A evolução da doença pode, em sua gravidade, perder totalmente o afeto por outros, fazendo com que se torne impossível qualquer vínculo afetivo ou respeito.

SÍNDROME DE MUNCHAUSEN E GANSER

Utilizou-se o termo Síndrome de Munchausen em 1951 por Asher inspirado no romance As incríveis peripécias do barão Munchausen, de autoria de Rudolf Erich Raspe onde este narrava de forma incrível às inúmeras viagens fantástica desse barão. (LOBO 2010). Síndrome de Munchausen é um transtorno no qual os pacientes produzem e apresentam

intencionalmente sintomas físicos para terem tratamento médico e hospitalar com frequência. A doença vem acompanhada de uma longa peregrinação por hospitais e uma vasta ficha médica. Os pacientes provocam em si mesmos sintomas muitas vezes graves a ponto de ser levada a internação. A intenção é de que as atenções se voltem para eles, querem se internar para serem cuidados, protegidos. Correm risco não para terem ganhos materiais e sim serem considerados doentes, não existe também nenhum interesse em fugir de alguma responsabilidade, como servir ao exercito, fugir de processos jurídicos, provas, a intenção é de estarem sempre em evidencia. Manipulam pessoas a sua volta em função de uma suposta doença, que na realidade deixa de ser uma mentira para se tornar uma doença real e perigosa. Para Lobo (2010, p. 164):

Outra forma perigosa desta síndrome é a simulação da doença, causando danos na saúde de outra pessoa, mas a intenção é chamar a atenção para si mesmo, suscitar sentimentos de compaixão, de reconhecimento, a ponto de cansado de ser tão eficaz tão cuidadoso com a pessoa doente, outra pessoa também necessita de ajuda, ou seja, é capaz de fazer adoecer alguém bem próximo, como o filho, somente para chamar a atenção para sua própria doença criada por meio desse ato doentio. Este comportamento é chamado de Síndrome de Munchausen por procuração.

A síndrome de Munchausen é uma doença relativamente rara, e de difícil diagnóstico, caracteriza-se pela produção intencional ou fingimento de sintomas com sinais físicos e psicológicos em alguém muito próximo do doente ou em si próprio, o que leva a diagnósticos e procedimentos desnecessários. É mais frequente em homens e se associa a traços de personalidades antissociais, também se associa a traços de personalidade borderline ou antissociais (mente e cérebro). Podem estar associadas a doenças, experiências passadas de maus tratos e abandono sofrido na infância, alguns pacientes tiveram experiências traumáticas com médicos e tratamentos de saúde prolongada.

A Síndrome de Ganser é um transtorno dissociativo manifestado por produzir voluntariamente sintomas psiquiátricos muito graves. O objetivo é convencer o observador de que o individuo está de fato louco, esta síndrome pode fazer parte do quadro dissociativo. Pessoas com Síndrome de Ganser imitam o comportamento que é típico de uma doença mental, como esquizofrenia, esta síndrome é às vezes chamada de “psicose prisão“ porque foi observado pela primeira vez em prisioneiros.

Pouco se sabe sobre esta doença que é bem incomum, acredita-se ser uma reação ao estresse externo, é mais comum em homens e ocorre mais frequentemente na adolescência e idade adulta. O diagnóstico da doença é um desafio, se o médico não encontra nenhuma razão

física para os sintomas deve-se encaminhar a pessoa a um psicólogo, profissionais de saúde mental que são especializados e treinados para diagnosticar e tratar doenças psiquiátricas. Na maioria dos casos, os sintomas da doença desaparecem assim que o estresse que desencadeou o episódio seja resolvido. A psicoterapia e o monitoramento de segurança de retorno dos sintomas são os principais tratamentos para a Síndrome de Ganser. (LOBO 2010).

MENTIRAS QUE ACOMPANHAM A DEPRESSÃO E A PERSONALIDADE ANTISSOCIAL

A depressão grave pode ser acompanhada de mentiras doentias, mentira patológica, o indivíduo para sustentar sua mentira, acaba por vez inventando mais mentiras baseada na primeira, tendo mais convicção de que suas mentiras não serão descobertas, continuando assim a necessidade de novas mentiras para completar a primeira. Já mentira do deprimido tem o propósito de ocultar alguns acontecimentos que deixariam outros indivíduos aborrecidos, tristes, decepcionados, ele sente ao mentir uma grande culpa e arrependimento constante. Existem mentiras que são ditas para ocultar um comportamento que a sociedade não aprova.

O transtorno antissocial da personalidade ou personalidade psicopática é o quadro mais grave onde a mentira se torna uma necessidade para o psicopata, que não senti culpa alguma por mentir, pela ausência de culpa e sentimentos ele é incapaz de estabelecer vínculos, mas sim exercer poder sobre as pessoas, a mentira para ele é uma ferramenta de trabalho, um prazer de enganar a vítima, ele manipula as pessoas com suas mentiras e afirmações que são basicamente impossíveis de se desconfiar, pois está habilitado e treinado por si mesmo a mentir, a convicção com que mente se torna aparentemente real para a vítima, pois olhando nos olhos é completamente relaxado e neutro, mostra confiança e clareza em suas mentiras, ele por sua vez pode fingir culpa, mentindo com a palavra e com o corpo quando simula e finge sentimentos de arrependimento, de ofendido, magoado encenando até tentativas de suicídios, mas é tudo uma farsa, o psicopata nunca se mataria, ele simula na tentativa de manipular os sentimentos de compaixão das pessoas em sua volta, para fazer a situação ficar sempre a seu favor. (LOBO 2010).

O psicopata diz o que lhe convém, o que se espera para dominar a situação, o que importa para ele é a realização pessoal que suas mentiras, seus golpes e suas farsas lhe proporcionam, o êxito de suas conquistas alimenta cada vez mais seu ego, pelo prazer de manipular as pessoas a sua volta. Mesmo que sejam pegos, e punidos os psicopatas são

incapazes de aprender com a punição, nunca se arrependem ou se curam, pelo contrário continuam tentando manipular situações para que se livre da punição, fingindo ter se transformado em outra pessoa melhor e tornando-se arrependido, o poder que ele exerce sobre as pessoas é o que mais lhe agrada. A maioria dos psicopatas comete pequenos delitos e mentiras recorrentes, o que determina mesmo a gravidade de seus delitos são as oportunidades oferecidas e a recorrente recompensa de seus atos e a falta de punição. A capacidade de disfarças de forma inteligente suas características de personalidade, é o fato mais incrível e intrigante no ato de mentir na forma de um psicopata. (LOBO 2010).

O CÉREBRO DO MENTIROSO

O funcionamento e a estética do cérebro de pessoas normais são diferentes dos mentirosos patológicos. Estudos realizados revelam que o cérebro do mentiroso tem mais massa branca do que cinzenta. A massa branca por sua vez esta responsável pela agilidade de raciocínio, a imaginação, criatividade e aumentando a capacidade cognitiva do ser humano. Por esse motivo estes indivíduos teriam mais facilidade em mentir sempre, o excesso dessa massa estimularia a criatividade de contar histórias inventada, ou adaptada ou seu ponto de vista pessoal, ou ao contexto que quer modificar mudando os fatos da situação ocorrida, tornando-a uma mentira, tendo assim a maior agilidade para formular o pensamento e inventar ou mudar situações, os mentirosos patológicos utilizam a massa branca para criar suas mentiras, isto biologicamente. A massa cinzenta esta ligada a razão, é responsável pelo processamento das informações e ao comportamento moral, mas não podemos dizer que só o fator biológico que cria o mentiroso, não podemos analisar como um fato isolado, é preciso à convergência de vários fatores para identificar se o mentiroso é patológico ou compulsivo, quais são as patologias associadas, as causas, os motivos, a vivencia e o histórico do mentiroso.

Nem todo compulsivo é mentiroso, nem todo mentiroso é compulsivo, e o mais importante, nem todo mentiroso é doente. Há pessoas que mentem por benefícios próprios comuns sem exageros, como um vendedor sobre o seu produto, há outras que mentem por pena ou para satisfazer outra pessoa, para deixar feliz ou não magoar, como o marido que elogia a esposa mesmo que ele não tenha gostado da roupa que ela usa, outras que mentem para não serem punidos, como dizer ao chefe que o transito estavam lento, quando na verdade acordou atrasado para ir ao trabalho. Estas mentiras todos nós contamos pela necessidade da sobrevivência são mentiras normais sem exageros. (LOBO 2010).

O melhor tratamento nestes casos é a terapia cognitiva comportamental, onde é analisado as vivências do indivíduo para poder se chegar a alguma conclusão do que causou o distúrbio compulsório da mentira, descobrindo-se as concepções errôneas sobre o paciente que causaram esses comportamentos antissociais, ajudando o paciente a encontrar alternativas para mudar seu comportamento, compreendendo as situações pelas quais passaram, e determinaram tal comportamento. Com terapias e ajuda profissional o mentiroso compulsivo pode mudar e adaptar seus comportamentos perante a sociedade. (LOBO 2010).

LINGUAGEM NÃO VERBAL DENUNCIA O MENTIROSO

Um mentiroso que não é psicopata tende a mentir verbalmente, mas revela suas mentiras com gestos. Quem mente em geral usa gestos bem contraditórios, totalmente opostos ao que dizem sem perceberem, existem alguns sinais não verbais do mentiroso, dentre estes sinais temos: desviar o olhar, enquanto fala; enfatizar ou repetir frases; enquanto fala coloca sempre a mão na boca ou no nariz; pisca consecutivamente; dá suspiros longos; levanta levemente o canto da boca enquanto fala; expressão física limitada com poucos movimentos dos braços e das mãos; a fim de parecer mais tranquila a pessoa pode se esconder um pouco; não há sincronismo entre gestos e palavras; a cabeça se mexe de modo mecânico; a pessoa que mente reluta em se defrontar com seu acusador e pode virar sua cabeça ou posicionar seu corpo para o lado oposto; haverá pouco ou nenhum contato físico por parte da pessoa durante a tentativa de convencê-lo; a pessoa que mente adquire uma expressão corporal mais relaxada quando você muda de assunto; quem tem o hábito de mentir utiliza as palavras de quem o ouve para afirmar seu ponto de vista; um mentiroso pode estar pronto para responder suas perguntas, mas ele mesmo não coloca nenhuma questão; a pessoa utiliza o humor e sarcasmo para aliviar as preocupações do interlocutor; a pessoa que mente pode enrubescer transpirar e respirar com dificuldade; apontar o dedo em direção à pessoa enquanto fala; pôr as mãos no bolso; coçar a nuca ou esfregar muito os olhos; mudança de voz, mudar a velocidade da fala; fazer movimentos nervosos; explicar mais que o necessário; fazer movimentos nervosos; olhar para o lado, ou mostrar muito o fundo branco dos olhos, ou seja, desviá-los continuamente. (LOBO 2010).

O corpo da pessoa que mente tende a ficar tremulo, e suas mãos podem começar a tremer. Se a pessoa estiver ocultando as mãos, poderá ser uma tentativa de esconder um tremor que esta não consegue controlar. Em relação à história contada, o mentiroso, em geral deixa de contar os aspectos negativos; para ganhar tempo, pede quase sempre para que se

repita a pergunta feita. Isso lhe dará mais tempo para elaborar uma resposta. Uma forma bem interessante é quando alguém pede para que a pessoa que mente conte o que falou de trás para frente, ele não consegue repetir ao inverso porque não tem uma base verdadeira para se apoiar, entre vários outros gestos. Não podemos esquecer que, nem sempre esses movimentos podem ser acusativos, podem ser movimentos normais do dia a dia da própria pessoa, temos que analisar o fato e ver se é cabível na situação em que a pessoa pode estar mentindo ou não. (LOBO 2010).

CONCLUSÃO

A mentira é comum entre os seres humanos, a cada dez palavras ditas três são mentiras, isto em uma pessoa normal, a mentira faz parte do nosso dia-a-dia, convivemos com ela em todas as situações, em casa, no trabalho, no lazer, mentimos para sobreviver em um mundo onde a verdade nem sempre é a melhor resposta. Mentimos para não gerar conflitos entre nós mesmos e a sociedade. Há pessoas que mentem porque veem em sua mentira aquilo que deseja ou o que quer ser tendo a possibilidade de tornar real algo irreal tornando o que é falso real em sua mente. Mas, tudo que é exagerado se torna prejudicial, a mentira em exagero, pode se tornar uma patologia, uma doença como a mitomania, doença psicológica onde as consequências são graves e às vezes irreversíveis, afetando não apenas o indivíduo mentiroso, mas a todos em sua volta. A pessoa que sente a necessidade de mentir tem um comportamento insistente, persistente e voluntário, há casos que a pessoa se sente tão confortável com sua mentira, que para ela sua invenção se torna real em seus pensamentos. Diferente do mentiroso psicopata, que mente pelo prazer de manipular a situação e as pessoas em sua volta. Devemos perceber quando a mentira é inocente ou maliciosa e tomar cuidado com ela, pois quando doentia pode se tornar fatal para ambas às vítimas.

REFERÊNCIAS

BALLONE, G. J. Sobre a mentira. *Psiqweb*. Disponível em:
<<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=no/lernoticia&idnoticia=246>>. Acesso em: 9 out. 2010.

FERRO, A. L. A. Robert Merton e o Funcionalismo. São Paulo: Saraiva, 2001.

LOBO, M. *Por que as pessoas mentem?* São Paulo: Arte Editorial, 2010.

PIAGET, J. *O julgamento moral na criança.* São Paulo: Mestre Jou, 1977.

TARDIVO, L. S. de La P. C. *O adolescente e sofrimento emocional nos dias de hoje.* São Paulo: Vetor, 2007.